

# Princesa turca ou pombagira: mitopoética e performance da Cabocla Herondina em Dona Maria Natalina Santos Costa (1943–)

*Turkish princess or pombagira: mythopoetics and  
performance of Cabocla Herondina in  
Dona Maria Natalina Santos Costa (1943–)*

**Diogo Jorge de Melo<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Pará

**Ana Cristina Silva Souza<sup>2</sup>**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cidade, Território, Identidade e Educação  
da Universidade Federal do Pará

**Ramon Augusto Teobaldo Alcantara<sup>3</sup>**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cidade, Território, Identidade e Educação  
da Universidade Federal do Pará

---

<sup>1</sup> Professor da Faculdade de Artes Visuais da UFPA, do PPGCITE-UFPA e do PPGSE-UFPA. Coordenador do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas. E-mail: diogojmelo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7266-2570>.

<sup>2</sup> Secretária do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas. E-mail: anacrisweyl@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1475-0609>

<sup>3</sup> Colaborador do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas. E-mail: Ramon.teobaldoalcantara@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5101-208X>.

## Resumo

O trabalho se constitui de uma pesquisa etnográfica que se aporta nos estudos do imaginário e da performance, com o objetivo de discutir a mitopoética da Cabocla Herondina e sua manifestação em Dona Maria Natalina Santos Costa (1943-). Esta uma é sacerdotisa de umbanda, pena e maracá, com mais de 80 anos, mas que passou pelo tambor de mina. A mitopoética da Cabocla Herondina é bastante diversificada, normalmente identificada como princesa turca ou indígena, cabocla brava, dentre outras representações simbólicas. Diferentemente destas acepções, em Dona Maria Natalina ela “performatiza” como uma pombagira, entidade ligada ao orixá Exu e manifesta um arquétipo de cortesã/malandra. Aspectos perpassados por seus comportamentos, vestimentas, gestualidades e narrativas.

**Palavras-chave:** Performance; Cultura Afrodiaspórica; Mitopoética; Amazônia.

## Abstract

*The work consists of ethnographic research that draws on studies of imagery and performance, with the aim of discussing the mythopoetics of Cabocla Herondina and its manifestation in Dona Maria Natalina Santos Costa (1943-). This is a priestess of Umbanda religion, named feather and maraca, over 80 years old, but who passed through the tambor de mina religion. The mythopoetics of Cabocla Herondina is quite diverse, normally identified as a turkish princess or indigenous, angry cabocla, among other symbolic representations. Unlike these meanings, in Dona Maria Natalina she performs as a pombagira, an entity linked to the orixá Exu and manifests an archetype of courtesan/trickster. Aspects permeated by their behavior, clothing, gestures and narratives.*

**Keywords:** Performance; Afrodiasporic Culture; Mythopoetics; Amazon.

## Introdução

As entidades afro-amazônicas possuem uma diversificada representatividade simbólica, sendo muitas vezes complexas em relação as suas mitopoéticas, estando simbolicamente e ontologicamente compreendidas como encantados, seres míticos ou pessoas que passaram por processos mágicos denominados de encantos. Também, podem ser considerados espíritos de pessoas que viveram em nosso mundo e diferentemente dos encantados, teriam passado pela experiência da morte. Justamente a partir deste tipo de compreensões, que desenvolvemos pesquisas sobre as mitopoéticas das entidades afro-amazônicas. A complexidade de tais discussões, sempre ganham novos aportes com a busca da compreensão da mitopoética da Cabocla Herondina, uma encantada extremamente complexa e com diversas representações simbólicas.

Sabemos que esta é uma entidade que se faz presente em diferentes segmentos religiosos afro-amazônicos como a pajelança, a umbanda e o tambor de mina<sup>4</sup>. Normalmente, quando relacionada ao tambor de mina, é compreendida como uma princesa turca encantada, porém existem outras compreensões mitopoéticas. Já em suas representações dentro da pajelança e da umbanda, normalmente a vemos com designações simbólicas distintas. Normalmente nesses segmentos, se costuma falar menos sobre suas mitopoéticas, mas se percebe narrativas performáticas que nem sempre se encaixam plenamente nas acepções designadas no tambor de mina. Onde observamos uma representatividade mais indígena, de cabocla brava, e até como sendo uma pombagira, entidade relacionada ao orixá Exu.

No entanto, devemos compreender que no universo afro-amazônico tais acepções simbólicas atravessam diversos segmentos religiosos, pois a linha que os separa é muito tênue. Por exemplo, podemos ver um afrorreligioso incorporando as suas entidades em distintos lugares e em alguns contextos tradicionais, como os familiares, onde prevalecem disputas entre as tradições culturais distintas. É justamente a partir destas questões, que este trabalho se configura, como uma tentativa de apresentar e configurar, através de um estudo de caso, os aspectos sobre a mitopoética de uma encantada.

Nesta proposição, trazemos relatos sobre a experiência vivida junto a Dona Maria Natalina Santos Costa (1943-) (Figura 1), destacando a sua relação com a Cabocla Herondina. Já que esta é uma mãe de santo que transitou por esses diversos segmentos afro-amazônicos e aparentemente sua tradição ritualística parece não ter sofrido grandes influências ao longo do tempo<sup>5</sup>. Compreendemos que seu culto é tido como um retrato do que fora as religiões afro-amazônicas durante a segunda metade do século XX na cidade de Belém. Sabemos que ela passou por rituais de consagração com duas sacerdotisas, uma que identificava-se sendo do tambor de mina, outra como da umbanda e posteriormente, também teve contato com um renomado sacerdote maranhense.

---

<sup>4</sup> Todos esses segmentos afrodiaspóricos abrangem uma diversidade e complexidade de cultos, logo os compreendemos como conjuntos que aproximam realidades, mas não se configuram como uma unidade litúrgica, como averiguaremos ao longo da discussão.

<sup>5</sup> Aqui nos reportamos as influências mais contemporâneas, como as oriundas de processos midiáticos vinculadas à internet e suas redes sociais, que possibilitam acesso a conhecimentos que não estão vinculados às suas tradições locais e que acabam se hibridizando nesses contextos culturais.



**Figura 1** Dona Maria Natalina em sua sala de cura na frente de seu gongá (altar), momento quando nos apresentava e explicava o funcionamento de seu terreiro (16/11/2021). Fonte: fotografia de Diogo Melo, 2021.

Deste modo, tais debates metodologicamente aqui são desenvolvidos a partir de uma pesquisa qualitativa, com base etnográfica (GIBBS, 2009; ANGROSINO, 2009), pois estamos convivendo com Dona Maria Natalina desde 2021<sup>6</sup> e foi feita uma entrevista com ela durante a tarde, com aproximadamente três horas de duração. Também realizamos a gravação de sua narrativa durante o I Seminário do Museu Surrupira e do Grupo de Pesquisa Museologia, Memória e Mitopoéticas Amazônicas, em uma mesa intitulada - “Vivências museais e discursos femininos afro-amazônidas”<sup>7</sup>. Destacamos que não nos foi autorizado filmar e fotografar momentos ritualísticos, as fotos aqui apresentadas foram realizadas antes dos rituais se iniciarem.

Além destes dados coletados, somam-se referências bibliográficas e outras experiências dos autores vividas junto às religiões afro-amazônicas, em outros contextos, aspectos que permitiram travar discussões comparativas sobre algumas destas acepções mitopoéticas. Assim, buscamos elucidações para tais aspectos mitopoéticos e compreensões sobre as religiões afro-amazônicas, mas não no intuito de legitimação de verdades e legitimação de narrativas sobre a entidade. Buscamos o reconhecimento da diversidade existente e almejamos compreensões genéticas do

<sup>6</sup> Maiores detalhes sobre o convívio dos autores com Dona Maria Natalina podem ser visualizados no trabalho de Souza, Melo e Monteiro (2022).

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v2YApuBWHCE&t=2409s>

que foram as religiões afro-amazônicas no passado. Devemos destacar, que neste trabalho acionamos o conceito de performance (ZUMTHOR, 2007), como uma das bases teóricas da pesquisa, já que analisaremos tal aspecto da Cabocla Herondina, quando incorporada em Dona Maria Natalina. Como seus comportamentos, vestimentas, gestualidades e narrativas. Assim como utilizaremos de base, diversas doutrinas cantadas para a entidade, coletadas em nossas vivências com a religião.

Cabe destacar que o referencial teórico desta pesquisa se aporta nos estudos do imaginário e se alicerça em escritos como de Gaston Bachelard (1988), Cornelius Castoriadis (1982) e Gilbert Durand (1983, 2002 e 2004), os quais compreendem o termo imaginário relacionado a distintas compreensões e dimensões do pensamento humano. Por exemplo, abrangendo o que não existe ou o que se opõe à realidade concreta, mas também como devaneios e fantasias ou força criadora. Esta última, fundamental para a constituição identitária individual e coletiva. Consideramos o imaginar como uma atividade de reconstrução e de transformação do real, produzindo significados aos acontecimentos, o que não significa um afastamento do real, já que é um seguimento sincrônico e paralelo ao real e esse processo nos ajuda a compreender múltiplas dimensões, neste caso, o das encantarias afro-amazônicas.

Em contraponto, acrescentamos ao conceito de imaginação os aspectos ontológicos, ligados aos sistemas de crenças dos afrorreligiosos, os quais compreendem que estas entidades se configuram como agentes vinculados as concepções de ancestralidade e sabemos que estes seres se fazem ativos socialmente. As entidades se comunicam e vêm ao nosso mundo principalmente pelos processos de incorporação e, por estes meios, se relacionam com as pessoas e manifestam suas personalidades, *fazem o que precisam fazer*<sup>8</sup> e manifestam suas vontades. Aspecto que Melo (2020), com base em Mogobe B. Ramose (1999, 2002), destacou como sendo oriundo da concepção de mortos-viventes, presente nas compreensões afrodiaspóricas a partir das percepções e compreensões da ancestralidade. Por isso, entendemos os encantados como parte da comunidade imaginada das religiões afrodiaspóricas, capazes de intervir no social e manifestar suas vontades. Nesse aspecto, o conceito de performance nos é caro, pois por meio dele que conseguimos perceber como se configuram os limites tênues e distintivos entre Dona Maria Natalina e a Cabocla Herondina.

---

<sup>8</sup> Expressão utilizada pelos afrorreligiosos.

Em conformidade ao que foi apresentado, podemos elucidar que o conceito de mitopoética estabelece-se como uma configuração de um fenômeno de fertilização, multirrevelador de imanências do sublime, capaz de despertar potencialidade e de privilegiar as relações dos imaginários, manifestadas sincronicamente às realidades vividas e experienciadas (LOUREIRO, 2015), o que podemos compreender como uma resistência não intencional para com as estruturas globalizantes presentes no sistema mundo. Nesse aspecto, a mitopoética se constitui como arte e deve ser compreendida por seu caráter transcendental e ontológico, onde a “Natureza, cultura e espíritos comungam de um mesmo prestígio e simbologia, dialogando e trocando experiências sem a imposição autoritária de hierarquias transcendentais” (PINHEIRO, 2021 p.56).

Com relação ao conceito de performance, para Paul Zumthor (2007) esta é uma proposição que se caracteriza como a única forma viva de comunicação poética. Por isso, indica a realização de um ato de comunicação total, relacionando à recepção e as condições de expressão e percepção. Diz respeito a um momento tornado, presente nas palavras expressas, implicadas em seu ato de forma imediata. “Nesse sentido, não é falso dizer que a performance existe fora da duração. Ela atualiza virtualidades mais ou menos numerosas, sentidas com maior ou menor clareza” (ZUMTHOR, 2007, p.50).

Devemos evidenciar que o nosso objetivo aqui é compreender as acepções do imaginário da Cabocla Herondina a partir de Dona Maria Natalina, o qual reflete as suas mitopoéticas principalmente a partir de suas manifestações performáticas. Traçando discussões como a sua compreensão enquanto encantada ou espírito, que passou ou não pela experiência de morte, no caso, quando está simbolicamente vinculada a sua acepção de pombagira, entidade feminina, vinculada a um grupo de entidades denominadas como exu. Metodologicamente, travamos primordialmente uma breve trajetória de vida de Dona Maria Natalina e seus contextos com as religiões afro-amazônicas. Depois travamos discussão sobre as mitopoéticas da Cabocla Herondina para adentrarmos no estudo de caso da relação entre ambas e relatarmos nossas percepções em relação aos seus aspectos performáticos.

## Trajetórias afro-amazônicas de Dona Maria Natalina

Compreendermos Dona Maria Natalina atualmente como uma sacerdotisa de umbanda, como normalmente se autodenomina, apesar de, por vezes mencionar

o termo *pena e maracá*, é sabido que passara pelo tambor de mina. Aspecto que evidencia o que sempre estamos presenciando nas trajetórias dos afrorreligiosos no contexto amazônico, estes costumam frequentar ou passar ao longo de suas trajetórias por distintos segmentos religiosos afrorreligiosos e muitas vezes acabam por hibridizar seus cultos. Logo, pensar de forma plenamente cartesiana não faz muito sentido para as religiões afro-amazônicas, pois nunca vemos uma face simples referente as suas manifestações culturais, estando sempre atreladas a uma complexidade de fatores.

Devemos elucidar que a terminologia *pena e maracá*, normalmente está associada ao que vem sendo denominado por diversos antropólogos como pajelança cabocla ou rural (MAUÉS e VILLACORTA, 2001 e 2008). Este faz uma referência a dois instrumentos ritualísticos, o penacho de mão, configurado como um conjunto de penas preso em uma haste, onde se destaca uma pena maior, chamada de pena guia e o maracá, os tradicionais chocalhos tradicionais dos grupos indígenas. Na prática, quando se fala ser de *pena e maracá*, compreendemos como um culto relacionado a aspectos de cura, física e espiritual, e sem a utilização de tambores, realizado com a voz e os *paôs*, as palmas. Percebemos que este seguimento acaba por abrigar na atualidade muitas práticas tradicionais da pajelança e encontramos entidades nominadas de caruanas, também chamados de povo do fundo. Entidades que vem se fazendo cada vez menos presentes em suas manifestações. Segundo os afrorreligiosos, por estarem descontentes com o progresso do meio urbano, e para os antropólogos, na possibilidade de ser um processo cultural de esquecimento e extinção.

Hoje Dona Maria Natalina possui mais de 80 anos e até recentemente manteve plenamente ativa em suas atividades religiosas, realizando sessões de cura em sua casa, em uma sala nos fundos da residência, onde ficam seu altar e diversas imagens de santos e entidades. Neste recinto se destacam os ditos *vultos*, imagens de entidades em escala natural, da Cabocla Mariana, Dom Carlos, Cabocla Jarina e Cabocla Herondina (Figura 2). Espaço que será o principal cenário de nossos testemunhos sobre a performance Cabocla Heorndina. Na imagem, podemos notar que as vestes desta entidade se destacam, por serem mais escura e por usar um chapéu preto estilo dos malandros.





**Figura 2** Dona Maria preparando a sua sala de cura, no dia 26 de dezembro de 2021, aniversário da Cabocla Herondina. Fonte: Fotografias de Diogo Melo, 2021.

Com base nas falas de Dona Maria Natalina, sabemos que ela iniciou sua jornada com a sua espiritualidade ainda muito nova. Quando frequentava a escola, incorporou a Cabocla Herondina quando voltava para casa, mas foi parar na casa de Dona Maria Aguiar. Esta era uma renomada mãe de santo da cidade de Belém, conhecida por ter cuidado espiritualmente do governador Magalhães Barata (1888-1959), dentre outras figuras importantes da época. Com base em Azevedo (2014), sabemos que ela era uma sacerdotisa do tambor de mina, considerada a primeira afrorreligiosa que cruzou esse segmento com a umbanda, devido a um período em que esteve no Rio de Janeiro e teve contato com esse segmento. Devido a estes tipos de acontecimento, entendemos que muitos dos afrorreligiosos que se autodenominam como sendo da umbanda em Belém (PA), na verdade são bem distintos do que é compreendido por umbanda em outras localidades do país, como no caso do Rio de Janeiro. Devemos destacar, que em todas as narrativas de Dona Maria Natalina sobre Maria Aguiar, ela a menciona como sendo do tambor de mina, nunca como sendo de umbanda.

Nos contou que depois de seu casamento não conseguiu prosseguir no tambor de mina, por compreender que seu marido era a prioridade naquele momento, por isso, segundo ela foi procurar a umbanda, onde teve sua segunda preparação por meio da mãe de santo, segundo sua narrativa, a alagoana Dona Nevinha. Nesse aspecto, trouxe suas atividades religiosas para junto de sua residência e levou suas atividades até a morte de seu marido. Neste momento, nos falou que tal foi seu desespero, que ficou desgostosa com a vida e resolveu se desfazer de tudo, deu e queimou muitas das coisas relacionadas à religião.



Por ironia do destino, ou como ela fala, *peia*<sup>9</sup> da espiritualidade, sua casa pegou fogo pouco tempo depois e perdeu tudo que tinha. Foi quando retornou à Maria Aguiar pedindo ajuda, fora conduzida para São Luís no Maranhão, para ser cuidada por Zé Negreiro. Outro sacerdote renomado, conhecido por ter cuidado de José Sarney (1930-). Segundo Maria Aguiar, este seria o único capaz de levantar a sua *peia*. Depois de passar pelos cuidados desse sacerdote, retornou a Belém, onde acabou por ganhar uma casa nova e deu continuidade às suas atividades religiosas, conforme presenciamos em 2021, em sua sala de cura<sup>10</sup>. Devemos ressaltar que tal trajetória acaba por apresentar um pouco do complexo cultural das religiões afro-amazônicas e que no caso das representatividades simbólicas de Cabocla Herondina na sacerdotisa, temos um recorte representacional específico desse contexto cultural, o qual apresentaremos mais à frente.

## Mitopoéticas da Cabocla Herondina

A Cabocla Herondina é uma entidade afro-amazônica que acreditamos ter sido cultuada primordialmente no tambor de mina, no entanto, não podemos de maneira nenhuma descartar a possibilidade de sua origem na pajelança, ou mesmo ser um produto de hibridização de entidades de origem distintas, como acreditamos poder ter acontecido como o Caboclo da Bandeira e João das Matas. Hoje tido como a mesma entidade que se apresentava respectivamente com os dois nomes distintos, o primeiro vinculado a pajelança e o segundo ao tambor de mina. Destacamos que este encantado no tambor de mina é o chefe da família de Bandeira (Bandeirantes). Como a presença de Cabocla Herondina é notória em diversos segmentos, inclusive os autodenominados de pena e maracá, e existem muitos e antigos relatos desta entidade, tendo sido registrada inclusive na Missão de Pesquisas Folclórica de Mario de Andrade, realizada no final da década de 1930 na cidade de Belém (ALVARENGA, 1950). Podemos dizer que, em relatos na umbanda ou pajelança, ela está sempre presente, junto com entidades como Caboclo Rompe Mato, Caboclo José Tupinambá, Cabocla Jurema, Japentequara, dentre outras entidades. Aspecto que nos faz pensar fazer parte de um panteão primordial ou mais antigo da região (ALVARENGA, 1950; LEACOOK e LEACOOK, 1972; FERRETTI, 2000; MELO et al., 2024).

---

<sup>9</sup> Termo utilizado pelo afro-religiosos, significa apanhar, sofrer com as consequências dos seus erros.

<sup>10</sup> Tais narrativas encontram-se presente na entrevista que realizamos com ela e em sua fala no I Seminário do Museu Surrupira e do Grupo de Pesquisa Museologia, Memória e Mitopoéticas Amazônicas.

Sua principal mitopoética a reconhece como uma das três donzelas da Turquia, filhas de Toy Darsalan, João de Imbarambaia ou Marambaia, mais conhecido como Rei da Turquia ou Rei Marajó (seu nome na pajelança) (FERRETTI, 2000). Uma princesa que teria se encantado na época das cruzadas, no estreito de Gibraltar, ao fugir de uma batalha em um navio que tinha como destino a Mauritânia. Justamente ao cruzar o estreito, um portal de encantaria teria a levado, junto com suas irmãs, Mariana e Jarina, e sua tripulação do navio, para o mundo das encantarias.

Somos três irmãs da língua felina/ferina (bis)

Uma é Mariana

A outra é Herondina

Ainda tem a flor que é Tóia Jarina<sup>11</sup>

Segundo essa narrativa, aportaram no arquipélago do Marajó, depois de anos de dormência, e adentraram no território amazônico, encontrando encantados indígenas, como os da aldeia de Caboclo Velho. Muitos destes aspectos mitopoéticos estão presentes no documentário, “A descoberta da Amazônia pelos turcos encantados” de Luiz Arnaldo Campos<sup>12</sup>, sob a narrativa de Pai Tayandô. Nessa concepção, a Cabocla Herondina seria a irmã do meio, e devido ao seu encontro com as entidades indígenas, com os quais se identificou, se *ajuremou*, isto é, adotou o *ethos* indígena e o que justificaria a maioria de suas manifestações de incorporações com vestes indígenas, com penacho na cabeça. Aspecto que visualizamos principalmente na umbanda, quando normalmente vem como uma entidade muito séria e brava, uma entidade feiticeira e de pouca conversa.

Oh! Herondina (3x)

Oh! Não me toque não me bulas

Oh! Herondina

Eu estou na ponta da agulha

Oh! Herondina

Muitos trabalhos eu tenho dado

Oh! Herondina

<sup>11</sup> Ponto cantado de C. Herondina, coletado pelos autores em terreiros de Belém.

<sup>12</sup> Documentário disponível no Youtube - <https://www.youtube.com/watch?v=eXQMVgdR-ls>.

Muitas correntes tenho quebrado  
Oh! Herondina  
Ah! Eu mandei fazer uma flexa  
Oh! Herondina  
Da perna do gavião  
Oh! Herondina  
Para flechar os feiticeiros  
Oh! Herondina  
Na veia do coração  
Oh! Herondina<sup>13</sup>

Conforme a doutrina cantada, vemos as suas características de feiticeira e sua ligação com as agulhas, assim como a evidenciação de sua força, capaz de lutar contra os feiticeiros, utilizando-se de sua flecha. Cabocla Herondina ao se apossar dos hábitos indígenas, das matas teria ido morar junto as onças. Estes animais se configuram como totêmicos e muitos afirmam que ela é capaz de se transformar em uma. Suas imagens e vultos, quase sempre possuem uma onça pintada associada. Podemos considerar que, simbolicamente esse animal está associado ao poder, a altivez e a caça como todos os grandes felinos.

Conforme Jean Chevalier (2001), os leopardos, animal análogo as onças, em seu contexto egípcio e africano, tinham as suas peles utilizadas por sacerdotes em rituais fúnebres e elas simbolizava o deus do mal, inimigo ou adversário das pessoas e dos deuses. Usar tal vestimenta configurava que o adversário, o inimigo, estava vencido, assim como simbolizava uma prova de virtude mágica e de resguardo contra seres maléficos. Aspecto similar que visualizamos nas cosmovisões americanas e que também chegaram por intermédio da diáspora negra africana. Nesse aspecto, a ligação da Cabocla Herondina com as onças, pintadas e negras, é sem dúvida, uma alegoria de força, principalmente dos seus trabalhos mágicos espirituais, fazendo e desfazendo feitiços.

Se ela tivesse seu pai sua morada  
Não saia das matas, procurando onde morar  
Mas ela é filha das onças negras  
Sua choupana fica lá em alto mar<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Versão presente em Vergolino (2003). Essa doutrina costuma ter várias versões, mas que seguem essa estrutura, sendo alteradas algumas palavras ou expressões.

<sup>14</sup> Ponto cantado de C. Herondina, coletado pelos autores em terreiros de Belém.

Aprofundando-se em sua epopeia, com base em diversos afrorreligiosos, a Cabocla Herondina teria passado por diversas encantarias, como a denominada de Juncal, governada por Rei Juncal, também conhecido como Junco Verde. Outros pontos cantados a anunciam como filha de Cabuçu, entidade que não sabemos precisar, mas que acreditamos ser uma outra referência ao Rei Juncal.

Ela filha da onça brava  
Ela é neta de Cabuçu  
Quando ela vem andando pela mata  
Vem comendo carne crua<sup>15</sup>

Sabemos que ela também é compreendida muitas vezes como uma Surrupira ou uma entidade que foi morar ou conviver com eles. A família de Surrupiras conforme Melo, Rosi e Barroso (2021) compreende entidades que possuem uma essência amazônica configurada com hibridismos culturais, caracterizado por intersecções indígenas, negras africanas, nordestinas e mouras. Possuem concepções mitopoéticas aparentemente próximas dos curupiras, caiporas, sacis e matintas e são compreendidas como uma família de caboclos selvagens, normalmente chamados de exus da Amazônia (MELO, ROSI e BARROSO, 2021).

Alguns falam que é dessa relação com os Surrupiras que estaria a sua ligação da Cabocla Herondina com as agulhas ou espinhos. Alguns afro-religiosos contam que para ser aceita na família teve que subir em um tucumanzeiro (árvore do fruto tucumã), palmeira coberta por espinhos e por isso seu corpo seria cheio de agulhas. Também devemos destacar a ligação das agulhas com determinados rituais de magia, porém nunca presenciamos, e sempre escutamos falar que a entidade em determinados trabalhos, pode perpassar agulhas no corpo do seu cavalo, o médium.

Com facas e punhais na mão  
Seu corpo é crivado de agulhas  
É ela a Cabocla Herondina  
Ou não lhe toque, ou não lhe bula<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Ponto cantado de C. Herondina, coletado pelos autores em terreiros de Belém.

<sup>16</sup> Ponto cantado de C. Herondina, coletado pelos autores em terreiros de Belém.

Também temos informações que a afastam da sua concepção de turca. Por exemplo, Leacock e Leacock (1972) a descreveu com uma entidade sem filiação, já Vergolino (2003) a menciona como filha de Averequete e Maria Leonor. Já escutamos em diversos contextos e ocasiões distintas, ter sido adotada pelo Rei da Turquia, tendo sido uma escrava de tradição judaica ou como tendo ascendência cigana, sendo romana, austríaca ou húngara. Cabe destacar que quando perguntamos a origem da Cabocla Herondina para Dona Maria Natalina ela nos falou que era da Hungria, mas que não sabia onde era esse lugar.

Um dos relatos mais singulares é de um sacerdote que vestiu a Cabocla Herondina em seu festejo como Cleópatra<sup>17</sup>. Dizendo ter tido ligação com o Rei Herodes, de onde veio seu nome. Por este motivo, adotamos a grafia do seu nome com a letra “h”. Herodes foi a personagem histórica bíblica de um rei do território da Judéia e que, foi durante seu reinado que nasceu Jesus Cristo. Ele foi visitado pelos Reis Magos e pediu que seguissem para Belém e voltassem para reportar sobre a criança, mas não cumpriram essa tarefa. Ele é conhecido por ter mandado matar todas as crianças de até dois anos de idade, como relatado no massacre dos inocentes no evangelho de Mateus.

Outro aspecto interessante, que envolve a Cabocla Herondina, se faz presente no livro de Ferraz Filho (2015), “Herondina: biografia de uma padilha”, onde narra a história espiritual de uma pombagira, conforme ele, narrada pela própria entidade incorporada no Babalorixá Fernando de Iemanjá (Paulo Fernando Freire de Castro) do Ilê Axé Tokolê (Salvador/Bahia). No caso, esta pombagira, não tem nenhuma relação com a Cabocla Herondina, a não ser pelo fato de ter escolhido seu nome por reconhecer a sua força e importância em terras paraenses.

Em minhas andanças pela Mina Nagô, percebo que a cabocla mais famosa naquela época era uma tal cabocla Herondina. Baixava em todos os terreiros, era poderosa em sua magia, muito temida pelos filhos de santo e pelo povo que conhecia da macumba. Aí pensei: se um dia eu puder incorporar novamente, meu nome será Herondina, mas, como não sou cabocla, porque vivia na capital e não tenho costumes do mato, serei apenas Herondina, formosa e poderosa. Um dia eu chego lá! (FERRAZ FILHO, 2015, p.47-48)

---

<sup>17</sup> Tal história circula em vários terreiros, obtivemos esse relato de distintos informantes. Aqui preferimos não identificar nome e terreiro.

Todas essas diversas narrativas e compreensões mitopoéticas nos conduzem a percepção que as acepções desta encantada se transformaram através do tempo e espaço. Hoje a acepção de princesa turca é a que mais reverbera no social, principalmente na cidade de Belém. Por isso, acreditamos que compreender e descrever a performance dessa encantada em Dona Maria Natalina nos ilumina a diversos aportes mitopoéticos. Já que sabemos ser comum, aos encantados afrodiaspóricos, reviverem simbolicamente e performativamente seus mitos. Evidenciamos novamente que a sacerdotisa possui um culto praticamente familiar, o qual acreditamos ter tido poucas trocas culturais com outros terreiros ao longo do tempo, preservando concepções culturais que consideramos ser originárias e pretéritas, nos possibilitando um vislumbre para um pressuposto passado dessa religiosidade.

## Cabocla Herondina em Dona Maria Natalina

Destacamos aqui a importância de estudar as diversas formas de performances da Cabocla Herondina e evidenciar que tivemos diversos encontros com esta encantada, em distintos terreiros, nos quais se apresentava de distintas formas. Como princesa, com vestes que lembram as sinhazinhas do Brasil colônia ou com aportes de um orientalismo, usando véus, turbantes e muitas joias (bijuterias douradas e extravagantes), sendo esta sua principal apresentação nos terreiros de tambor de mina. Outra forma comum é como cabocla brava, quando se apresenta como indígena, com cocares e penas, estando sempre muito sisuda e de pouca conversa, normalmente tida como feiticeira ou demandeira, entidade capaz de fazer feitiços considerados pesados e fortes, como normalmente se apresenta na umbanda e pajelança. Também já escutamos, mas nunca presenciamos, que ela pode vir incorporada como onça.

No entanto, distintamente do apresentado, a sua representação mitopoética e performática em Dona Maria Natalina é totalmente distinta, pois nela se apresenta mais próxima do que compreendemos como sendo uma pombagira. Entidade feminina ligada ao orixá Exu, pertencente ao grupo de entidades nominadas como exus, das quais se destacam Tranca Rua, Exu Caveira, Maria Mulambo e Maria Padi-lha. Já tínhamos escutado que Cabocla Herondina seria uma pombagira, mas nunca presenciamos performances que iriam nesse sentido. Nesse aspecto, nosso encontro com Dona Maria Natalina foi crucial para a compreensão dessa relação. Apenas tínhamos ouvido alguns pontos de pombagira adaptados a essa encantada, conforme



apresentado abaixo.

Meu galo preto do pé amarelo  
Mãe Herondina faz o que eu quero<sup>18</sup>

Em nossas pesquisas com Dona Maria Natalina tivemos contato com diversas de suas entidades, principalmente a Cabocla Mariana, mas não tínhamos presenciado a Cabocla Herondina. Foi quando em um dia de trabalho, a Cabocla Mariana nos convidou para uma festividade, que seria a comemoração do aniversário de 79 anos de Dona Maria Natalina e que seria a despedida da Cabocla Herondina em sua coroa. A partir daquele momento, a entidade não mais incorporaria em Dona Maria, por ser uma entidade muito pesada, como os exus e pombagiras, alegando que a matéria da sacerdotisa não estava mais aguentando devido a sua idade. Nesse dia, escutamos comentário que outras entidades já tinham se despedido pelo mesmo motivo, como o caso do seu exu.

Esta festividade aconteceu no dia 26 de dezembro de 2021 e começou por volta das 19 horas em sua casa no bairro da Marambaia em Belém (PA). Nesse dia Dona Maria Natalina iniciou os trabalhos de maneira semelhante aos outros dias, mas além de um quantitativo maior de pessoas, tínhamos a presença de um abatazeiro (tocador de tambor) e um representante da federação, nos apresentado como um amigo de longas datas. Dona Maria Natalina, rememorou que para tocar tambor sempre pediu autorização e apoio da federação, para não ter problemas com as autoridades. Uma tradição oriunda dos tempos de repressão sofrida pelas comunidades de terreiro, mas ela comentou nunca ter tido esse tipo de problema.

Cabocla Mariana nesse dia incorporou primeiro e ficou muito tempo, sempre falando que a aniversariante estava para chegar e que ela não gostava de vir cedo. Quando Cabocla Herondina raiou, depois da meia noite, foi logo se arrumar. Justamente no seu retorno para a sala de cura, marcamos o início da performance da encantada, configurada inicialmente por meio de sua indumentária. Como mencionado na metodologia, devemos destacar que não temos imagens nem fotografias da entidade, pois não nos foi permitido o registro durante as atividades ritualísticas.

---

<sup>18</sup> Ponto cantado de C. Herondina, coletado pelos autores em terreiros de Belém.

Ao adentrar no salão, percebemos uma vestimenta muito peculiar, caracterizada de uma forma distinta do que estávamos acostumados presenciar para com a Cabocla Herondina. Nunca tínhamos presenciado algo parecido, divergindo de tudo que já tínhamos visto, já que ela trajava um vestido escuro e brilhoso, com bolinhas douradas, como lantejoulas (Figura 3) e um turbante do mesmo tecido. Lembrava uma malandra ou cortesã das antigas, mas o detalhe que mais nos chamou atenção foi as suas sandálias, que era um tamanquinho, porém calçado com os pés trocado. Uma característica da entidade, que parecia afirmar seu caráter como uma pombagira, realizando trabalhos pesados, ditos de esquerda pelos umbandistas, além de se apoderar do domínio da noite/madrugada.



**Figura 3** *Vulto da Cabocla Herondina no salão de cura de Dona Maria Natalina e vestido utilizado durante a festividade do dia 26 de dezembro de 2021. Fonte: Fotografias de Jenifer Blanco, 2022.*

Com base nesse caráter, usar calçados trocados criava uma estética particular e peculiar que em nosso ponto de vista direcionava a entidade para esse aspecto de pombagira em um processo desordenador e ordenador da ordenação do mundo. Assim como o orixá Exu, a Cabocla Herondina se apresentava como um processo de transgressão do mundo. Conforme Rufino (2017) o conceito de encruzilhada e cruzo

associados a Exu se configura como uma forma de contraponto aos absolutismos, a partir de aspectos em que o “devir, o movimento inacabado, saliente, ação ordenada e inapreensível. O cruzo versa-se como atravessamento, rasura, cissura, contaminação, catalisação, bricolagem [...] (RUFINO, 2017, p.43). E nesse aspecto, Cabocla Herondina se encontrava em ressonância plena, principalmente com seus calçados trocados, que simbolicamente apresentava tais acepções.

Devemos destacar, que em sua entrada no salão, conhecíamos muitas das doutrinas cantadas e atribuídos à entidade, como as apresentadas anteriormente, mas hibridamente outras doutrinas eram vinculadas às pombagiras. Muitos deles apresentados como uma bricolagem entre as distintas representações simbólicas. Devemos destacar, que os cânticos (doutrinas) eram apresentados pela entidade, mas também pelo abatazeiro e por outros participantes, os quais pedia para cantar para ela. Logo, tínhamos fontes de conhecimentos distintas e não podemos dizer quais eram as doutrinas preferencialmente utilizadas pela Cabocla Herondina em Dona Maria Natalina. Infelizmente devido a dinâmica do momento, não conseguimos registrá-los e ordená-los como gostaríamos de fazer e não teríamos outra oportunidade para isso, já que seria a despedida da entidade.

Em entrevista realizada com Dona Maria Natalina no dia 16 de novembro de 2021, ela compartilhou um pouco as suas concepções sobre Cabocla Herondina. Mencionou que ela é sua chefe, mas que ela não costuma vir muito, só em dias determinados. Contou que foi uma entidade importante para o seu “chamado” para espiritualidade, tendo incorporado nela depois da escola e a levado para o terreiro de Maria Aguiar, como já mencionado, uma famosa mãe de santo do tambor de mina e que assumiu o seu desenvolvimento. Nesse aspecto, a entidade foi uma de suas primeiras entidades a se manifestar e sabemos que foi assentada por Maria Aguiar. Nos comentou que, sua saída foi feita no bairro de São Bráz em uma das encruzilhadas perto do Cemitério de Santa Izabel. Este aspecto é muito interessante, pois Maria Aguiar, a conduziu como um exu, fazendo sua ritualística junto a dois lugares de força ligado aos exus, no caso a encruzilhada e o cemitério. Sabemos, por meio de diversos afrorreligiosos, que no passado as encruzilhadas deste cemitério foram muito utilizadas para rituais, sendo a em cruz para entidades masculinas e a em formato de “T” para as femininas. Logo, acreditamos que tal ritual aconteceu na frente do cemitério, na encruzilhada em “T”.

Dona Maria Natalina mencionou que *“Dona Herondina é da Hungria, por ela ser desse lugar que não sei onde é, ela não gosta tanto de bailar. É bem pouco, gosta de tá sentada bebendo, fumando. Baila um pouco no tambor e vai logo sentar”*. Nos mostrou um recuo que existente na sala de cura, e falou ser onde ela gosta de ficar e foi exatamente onde mais ficou em sua festividade. Com relação a característica de não gostar de *bailar*, na linguagem dos afrorreligiosos, significa ser uma entidade que não gosta muito de cantar e dançar. Por fim, falou com todos os presentes e ficou bebendo e fumando no recuo da sala de cura até o dia raiar, quando foi embora, após cantarem parabéns para ela, junto ao seu bolo.

## Considerações finais

Pensar nas performances de uma entidade, suas vestimentas, comportamentos e cânticos, nos auxilia a captar seu imaginário para que possamos construir uma percepção acerca de sua mitopoética e das estéticas simbólicas que a permeiam. Aspecto analítico que consideramos ser bastante rico, como no relato apresentado, pois a partir da performance da Cabocla Herondina, percebemos que ela simbolicamente se apresentou, diferentemente do esperado, como uma entidade arquetipicamente atrelada à concepção de pombagira. O que nos faz pensar que em um passado dessa religiosidade tais concepções podem ter sido mais evidentes e comuns, mas que, com o tempo a sua mitopoética como turca ganhou maior notoriedade. Logo, a sua relação específica com Dona Maria Natalina seria uma espécie de memória “reliquiar” deste processo e neste caso, a performance se manifesta simbolicamente em sintonia a esta concepção.

Elucidamos assim um pouco do imaginário e da estética presentes nos entrecruzos da diáspora negra africana, onde a Cabocla Herondina pode ser princesa, indígena, surrupira, cortesã, onça/leopardo, assim como apresentando arquétipos das malandras e pombagiras. Representações complexas de simbologias femininas que se confrontam no social e se apresentam neste complexo cultural específico. O que configura a diversidade e complexidade existente no contexto afro-amazônico, nos evidenciando que as demarcações fronteiriças entre os distintos segmentos, sobrepõem-se as acepções antropológicas, pois o hibridismo é notório e complexo. Apesar disso, conseguimos visualizar aspectos que nos sugerem compreensões mnêmicas, onde podemos compreender parte de como se apresentava religiosidade

afro-amazônica no passado. Como as acepções relacionadas as ritualísticas, muitas destas vistas nas práticas de Maria Aguiar.

Nesse aspecto, com base em tudo que foi apresentado, compreendemos que estudos sobre mitopoéticas e performances podem contribuir para reconhecimento de estruturas destas religiosidades e auxiliar na concepção dos conhecimentos antropológicos. Nesse aspecto, consideramos a vigência dos imaginários e dos saberes ontológicos e em nosso estudo de caso, podemos considerar que a Cabocla Herondina em Dona Maria Natalina, se apresenta como uma entidade que socializa com sua comunidade. Sendo definida como húngara, com arquétipos de pombagira, que foi assentada por Maria Aguiar com princípios religiosos do tambor de mina, mas também possuindo influência da umbanda e pena e maracá. Aspectos que acabam por reforçar a ideia de diversas origens culturais sobre a acepção simbólica desta entidade.

## Referências

- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009
- ALVARENGA, Oneyda. *Babassuê: registros sonoros de folclore musical brasileiro*. Vol. IV. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1950.
- AZEVEDO, Pierre de Aguiar. Dar passagem à memória: uma análise da trajetória de Maria Aguiar e suas contribuições sociopolíticas para a formação da religiosidade afro-amazônica em Belém do Pará. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição do imaginário da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- DURAND, Gilbert. *Mito e sociedade: a mitanálise e a sociologia das profundezas*. Ed. A regra do Jogo, Lisboa, 1983
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo; Martins Fontes, 2002.

- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.
- FERRAZ FILHO, Raul Luiz. *Herondina: biografia de uma padilha*. São Paulo: Editora Nelpa, 2015.
- FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu na guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti Ashanti*. São Luís: EDUFMA, 2000.
- GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LEACOCK, Seth; LEACOCK, Ruth. *Spirits of the Deep: a study of an afro brazilian cult*. Nova York: Anchor Book, 1972.
- LOUREIRO, João Jesus de Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cultural Brasil, 2015.
- MAUÉS, Raymundo; VILLACORTA, Gisela. Pajelança e encantaria amazônica. In: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- MAUÉS, Raymundo; VILLACORTA, Gisela. *Pajelança e Religiões Africanas na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2008.
- MELO, Diogo Jorge de. Festas de encantarias: as religiões afro-diaspóricas e afro-amazônica, um olhar fraterno em museologia. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio interinstitucional UNIRIO e MAST, 2020.
- MELO, Diogo Jorge de; BARROSO, Gisele Nascimento; SANTOS, Cássio Alexandre Souza dos; CASTELO NETO, Hélcio Jorge de Souza. É ela a Cabocla Guerreira: narrativas e mitopoéticas da Cabocla Maria Jovina de Pai Pingo de Oxumaré (Belém – PA). *Revista Sentidos da Cultura*, 10(18), 2023, p.58-77.
- MELO, Diogo Jorge de; ROSI, Marcos Henrique de Oliveira Zanotti; BARROSO, Gisele Nascimento. Imaginários afro-diaspóricos e a mitopoética amazônica dos Surrupira. *Revista Sentidos da Cultura*, 8(14), 2021, p.98-117.
- PINHEIRO, Harald Sá Peixoto. *Mitopoética dos Muyraquitás, Porandubas e Moronguetás: ensaios de antropologia estética e etnologia Amazônica*. São Paulo: Alexa Cultural / Manaus: Edua, 2021.
- RAMOSE, Mogobe B. *African Philosophy through Ubuntu*. Harare: Mond Books, 1999.
- RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 324-330.



RUFINO, Luiz. *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*. Tese (doutorado) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2017.

SOUZA, Ana Cristina Silva; MELO, Diogo Jorge de; MONTEIRO, Lidiane da Costa. Narrativas, vivências e experimentações museais no Terreiro de Dona Maria Natalina (Belém, PA): na construção de um discurso feminino afro-amazônicas. *Revista da ABPN*, 14(Especial), 2022, p.34-59.

VERGOLINO, Anaísa. *"Ponto de Santo: A Música e o Pará"* (Encarte de CD). Belém: SECULT, 2003.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.